



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A IMPORTÂNCIA DE SE DEBATER GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR

Jéssica de Souza Hossotani¹; Lara Palicer de Lima²; Letícia Maria Capelari Tobias Venâncio³; Mary Cristina Olimpio Pinheiro⁴.

UFGD/FCH- Caixa Postal 533, 79.804-970- Dourados – MS, E-mail: jessicahossotani@hotmail ¹Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), E-mail: larapalicer@hotmail.com ² Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), E-mail: leticiacapelari@hotmail.com ³Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), E-mail: mary.c.pinheiro@hotmail ⁴Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID).

Resumo

Com a ascensão da luta de igualdade entre homens e mulheres, as questões relacionadas aos gêneros vem se tornando um tema cada vez mais discutido, gerando ao longo da história mudanças positivas para ambos. Pensando que o ambiente escolar é também um espaço que proporciona a criação de padrões sociais que podem gerar novos comportamentos nas comunidades que envolvem a escola, entendemos que inserir reflexões sobre temas necessários como igualdade de gênero, pode gerar uma mudança de pensamento significativa. Seguindo a proposta contida nas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) este trabalho é um recorte de algumas aulas realizadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) de Psicologia, as quais foram trabalhadas o tema sexualidade com o objetivo específico de fazerem os alunos refletirem e discutirem sobre gênero. Especificamente detalhamos aqui uma dinâmica a qual, os alunos do primeiro ano do ensino médio, divididos em grupos separados de meninas e meninos deveriam relatar pontos positivos e negativos que encontravam no gênero oposto. Após isso foram relatadas as respostas para sala o que

gerou uma ampla discussão, o que reflete em um primeiro passo para o exercício desses temas em sala de aula.

Palavras chave: Gênero; Sexualidade; Escola.

INTRODUÇÃO TEÓRICA

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) o conceito de gênero refere-se ao "conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos". Dessa forma, trata-se então da conceituação que foi sendo criada sobre o que é ser mulher, ou o que é ser do homem em nossa sociedade.

Com o apontamento do significado do que a palavra gênero traduz, podemos perceber que esse conceito não é fixo, ao contrário, é mutável e se transforma à medida que a sociedade configura novos papéis ao que é ser do sexo feminino ou masculino. Segundo Louro (2003), pode-se compreender o sujeito com "identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam" podendo até mesmo ser contraditórias.

Ao definir gênero cabe ainda destacar a diferença de identidades de gênero de identidades sexuais, termos às vezes dados como semelhantes. Segundo Louro (2003), identidade sexual se configura a partir do modo como cada sujeito decide vivenciar a sua sexualidade, "com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as", mas mesmo assim esses não deixam de se identificar, social e historicamente, como sendo masculinos ou femininos o que assim constituem suas identidades de gênero. Ou seja, a opção sexual de cada indivíduo não altera necessariamente o que o conceito de identidade de gênero constitui na vida de cada sujeito.

É possível perceber como o olhar sobre as identidades de gênero se modificaram ao longo dos anos. Tomando como um simples exemplo, podemos pensar no papel de tarefas antes atribuídas mulher como cuidadora dos filhos e do homem de sustentador da casa.

Para Louro (2003) quando a mulher começou a realizar atividades fora da área doméstica e trabalhar nas empresas, oficinas e lavouras elas revogaram o seu direito de serem vistas na sociedade e de serem agentes desta. Assim essas atribuições de gênero que vem se modificando junto ao processo histórico de acordo com as conquistas que novas funções foram sendo atribuídas a ambos os sexos.

Segundo Altmann (2001) a sexualidade vai sendo desenvolvida de acordo com diversos fenômenos, e instituições, religiosas, pedagógicas, judiciárias, nas regras que

estas estabelecem e que levam os sujeitos a atribuírem valores para seus sentimentos. Assim, para Foucault (1997) não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em cheque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Segundo Weeks (2000) “o gênero é uma divisão crucial”, não apenas uma simples divisão de categoria, mas sim o que muitas intelectuais feministas argumentam como “uma relação de poder”. Para explicar melhor isso, o autor, fala que “padrões de sexualidade feminina são inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável”, algo que segundo ele já está enraizado em nossa cultura.

Ao estabelecer um padrão desejável fica-se presos a este estereotipo, sendo necessário que cumpra com todas as funções e obrigações do papel, caso contrario este pode sofrer retaliações por não se adequar ao normal, ao correto.

Ainda segundo Weeks (2000), as discussões que começaram a surgir em relação às identidades de gênero permitiram um amplo “leque de respostas sociais e políticas diferentes, e frequentemente contraditórias”. O ponto crucial é que essas discussões possibilitaram se pensar em novas relações culturais e políticas, que foram produto de mudanças para o equilíbrio entre homens e mulheres.

Ainda que a dominação masculina permaneça uma característica central da sociedade moderna, é importante lembrar que as mulheres têm sido ativas participantes na modelação de sua própria definição de necessidades. Além do feminismo, as práticas cotidianas da vida têm oferecido espaços para as mulheres determinarem suas próprias vidas. Têm se ampliado, a partir do século XIX, os espaços aceitáveis, para incluir não apenas o prazer no casamento, mas também formas relativamente respeitáveis de comportamento não-procriativo.” (Weeks 2000, pág. 47)

Segundo Paz (2013) os sujeitos se fazem homens ou mulheres de forma contínua e aprendida nas diversas instituições sociais onde se tem relações sociais, a autora fala então que as instituições são “generificadas”. Cita também que a escola é uma dessas instituições que tem forte influência na transmissão de valores e comportamentos considerados adequados para a formação de sujeitos masculinos e femininos.

Segundo Aquino e Marteli (2012), é no ambiente escolar que a convivência entre os alunos possibilita aprendizagens, o que favorece a socialização e mesmo internalização “de novas crenças, novos comportamentos, novas formas de relacionamentos”. Gerando assim experiências que envolvem diferentes aspectos, e que geram aprendizagens não só em torno da carga didática obrigatória, mas que também enriquecem suas vivências em temas como a sexualidade.

Segundo Louro (2003), podemos pensar que a escola não apenas transmite conhecimentos, mas que ela também “produz sujeitos, identidades étnicas; de gênero; de classe”. É a partir disso que podemos perceber a importância de se trabalhar sobre as relações de gênero na escola. Dessa forma os alunos podem refletir sobre essas relações que se estabelece em seu cotidiano, o que é fundamental para que se melhorem os preconceitos que permeiam o tema e se enriqueçam as práticas sócias dentro e fora da escola.

Os professores podem se valer da proximidade estabelecida com seus alunos para trabalhar a questão do gênero, fomentando uma visão emancipadora, que forneça uma perspectiva da positiva e respeitável sobre a sexualidade e é no dia a dia do contexto escolher que esta tarefa pode ser cumprida.

Para Aquino (1997) antes de tudo a escola precisa descartar a ideia de que somente o professor de áreas restritas a saúde devem tocar no tema de sexualidade, para se trabalhar com o tema é necessário que o professor tenha cumplicidade e assimetria com seu aluno, independente da matéria que leciona.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) incluiu sexualidade como um tema transversal, devido a emergência que o tema necessita, já sendo considerado um problema de saúde pública.

Se a ideia é formar um pensamento saudável a respeito da sexualidade, a escola se destaca nessa função, pois é esta sua função principal. Ela é o principal agente a fim de produzir uma consciência nos jovens, para os jovens a respeito da gravidez precoce e das doenças sexualmente transmissíveis. Como afirma Guacira Louro (1997), a escola é uma das diversas instancias capazes de exercer um conhecimento frente ao gênero, que coloque fornece um poder de autodisciplina e autogoverno no sujeito, que pode determinar a sua forma de viver, seu gênero e sua sexualidade.

Deve-se considerar a multiplicidade existente dentro no contexto escolar. Cada aluno recebe uma criação e valores diferenciados. Fora a educação vinda dos pais, a criança e adolescente sofre grande influencia da mídia e veículos de comunicação o que

interfere o seu modo de pensar e conceber sua própria sexualidade. Por vezes os conceitos e percepções criados podem ser errôneos e prejudiciais, por conta disso é fundamental que o estas questões emergjam dentro da escola e assim consigam refletir sobre a questão e consolidar um pensamento crítico sobre o assunto.

Segundo, Larrosa(1994) as práticas pedagógicas constroem e medeiam a relação do sujeito consigo mesmo. Através desta relação o sujeito consegue estabelece e modifica as suas próprias experiências, e a experiência de si, que segundo o autor, deriva das contradições dos discursos que definem o sujeito e seus comportamentos, assim como a sua subjetividade e interioridade. Assim, a educação fornece um aprendizado além dos conteúdos objetivos, constrói ainda o conhecimento de si e dos outros como pessoas.

Diante disso, justifica-se a importância de oferecer espaços que promovam a mudança de paradigma e a reflexão acerca das percepções das identidades de gênero. A partir disso este artigo é apenas um recorte para apresentar uma iniciativa maior que é oferecer aulas referentes ao tema transversal Orientação Sexual proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN o que ainda está em andamento. Além do material contido no PCN foram utilizados artigos científicos pesquisados na base de dados *ScientificElectronic Library Online – Scielo*. Esses materiais servem de base tanto para a elaboração das discussões e introdução de conceitos científicos quanto para a criação de dinâmicas grupais, uma dessas será aqui relatada a fim de demonstrar como as identidades de gênero podem se tornar discussão em sala de aula.

A dinâmica utilizada e adaptada, originalmente é denominada de “Por que tanta diferença?” e foi extraída do livro *Manual do Multiplicador: adolescente*, elaborado pelo Ministério da Educação (2000, p.30)

METODOLOGIA

Através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) de Psicologia, da Universidade Federal da Grande Dourados, pudemos realizar aulas expositivas em uma escola estadual, localizada na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Essas aulas referiam-se ao tema Saúde e Sexualidade. O público alvo do projeto eram 45 alunos de uma sala do primeiro ano do ensino médio do período noturno. O grupo de bolsistas era composto por quatro acadêmicas, que semanalmente se revezavam para ministrar a aula, enquanto as demais observavam e auxiliavam.

Os conteúdos das aulas eram planejados e discutidos entre as acadêmicas anteriormente a cada aula, assim ao realizarmos dinâmicas e respondermos questões, se tinha anteriormente um estudo para garantir o domínio mínimo dos conteúdos lecionados. Os relatos das aulas eram levados ao orientador do projeto quinzenalmente a qual recebíamos orientações de como prosseguir com as próximas aulas.

Ao chegarmos à sala de aula trabalhávamos com aulas expositivas, alguma vezes quando fosse necessário o apoio de imagens, utilizávamos data show para explicar o conteúdo que seria trabalhado na semana. Realizávamos também dinâmicas, para fazer com que se aumentassem a participação e criar mais debates sobre o tema abordado. O tempo de duração das aulas era de 45 minutos, tendo dias em que pudemos lecionar duas aulas seguidas sobre o mesmo tema.

As aulas ocorriam de forma a qual despertava interesse dos alunos em relação ao conteúdo que estava sendo exposto. A maior parte dos alunos cooperou com as aulas, realizando questões no decorrer dessas e discutindo sobre os assuntos a quais eram levados para a sala de aula.

O recorte realizado para este trabalho é referente a uma dinâmica proposta, tratamos anteriormente sobre o tema de identidade de gênero onde foi discutida a diferença entre identidade de gênero e identidade sexual. No decorrer da aula ocorreram variadas questões sobre o tema e discussão das questões entre os próprios alunos que aparentavam interesse no assunto.

Após o termino da aula expositiva usamos uma dinâmica a qual a sala se dividiu em três grupos, sendo um grupo de meninas, e dois de meninos, a divisão era necessária para explorarmos o que cada gênero tinha para dizer do outro. Houve apenas um grupo de meninas pois o numero de alunos era bem menos ao de alunos. Então solicitamos para que as meninas escrevessem o que acreditavam ser vantajoso e desvantajoso em ser homem e para os grupos de meninos foram feitas as mesmas recomendações acerca do gênero oposto. Os alunos tiveram cerca de 15 a 20 minutos para pensar e escrever em um papel.

Em seguida cada grupo explanava para a sala o conteúdo do papel. É a partir das respostas geradas por essa dinâmica, que serão aqui descritas da forma fiel a escrita e fala dos alunos, que iremos pautar o conteúdo do artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como respostas, os dois grupos de meninos apontaram como vantagens em ser mulher, questões relacionadas aos seus direitos, por exemplo, os direitos das gestantes em ter atendimento preferencial e não necessitar permanecer em filas. Citaram também a Lei Maria da Penha. Para eles, isso é visto como um privilégio, algo que prejudica o homem por não possuir tais regalias. Em discussão com a sala esclarecemos que a Lei Maria da Penha assim como os direitos de atendimento preferencial às gestantes não devem ser vistos como um privilégio e sim como um direito adquirido.

Esses dois apontamentos eram vistos como privilégios pelos alunos devido uma falta de informação, dessa forma, foi esclarecido que a Lei Maria da Penha foi criada diante de uma demanda social onde a mulher se sentia inibida de denunciar a violência vivenciada. Dessa forma a lei vem para reforçar o direito da mulher já existente. Acrescentamos que qualquer pessoa que sofra uma agressão possui o direito de denúncia e proteção independente do gênero. Os direitos das gestantes também foram esclarecidos como um direito devido à especificidade física assim como há os direitos de idosos e deficientes.

Outra vantagem presente nas respostas dos meninos foi referente ao fato de que os mesmos percebem, como algo positivo as meninas serem "mais vaidosa, delicada e amaroza". Em discussão pudemos observar em seus discursos que estavam se referindo a um padrão de beleza ao qual acreditam ser o ideal e ao fato de elas poderem sempre se portar de uma forma "mais arrumadas que os homens". Ou seja, não estão se referindo apenas as vantagens femininas, mas também a uma própria desvantagem em ser homem; onde a vaidade não pode transparecer tanto.

Em discussão com a sala, os grupos de meninas demonstraram não compartilhar do mesmo ponto de vista dos meninos; dessa forma o que eles citavam como vantagem foi dito como desvantajoso para elas que vivenciam esta realidade. Ter que ser "mais vaidosa, delicada e amaroza" para elas é vivenciado como algo negativo e "um saco"; pois acham trabalhoso, assim como o não ser vaidosa estar sempre acompanhado de julgamentos e cobranças. Algumas alunas ainda citaram que estes tipos de padrões as deixavam iguais esteticamente não valorizando assim suas individualidades.

Os meninos citaram como vantagem serem "psicologicamente mais fortes"; em discussão concluímos que estavam se referindo ao fato de as menina serem mais inteligentes, tirarem notas melhores e serem mais dedicadas na escola. Porem diante da

exposição de opiniões concluíram que socialmente uma menina não pode ter notas baixas ou letras feias, e que são estimuladas e cobradas desde pequena por professores e pais. Portanto há por parte dos meninos menos cobrança e devido a pouca estimulação acabam por estudarem menos. Este fator levou a outra discussão, onde todos os grupos alegaram que socialmente os meninos não precisam ser inteligentes, mas apenas fortes, fazendo com que desde pequenos eles não sejam estimulados a estudar o que faz com que eles sejam cobrados a trabalhar mais cedo.

Como desvantagem os meninos atribuíram muitas características físicas e biológicas específicas do sexo feminino como "Menstruar, tem dor de parto, serem mais fracas fisicamente". Citaram também alguns aspectos como, "mais sentimental, e serem chatas quando estão com TPM". Em discussão o fator da força física foi bastante discutido e houve diversas opiniões divergentes até mesmo entre os meninos. Alguns chegaram à conclusão de que ser mais forte ou mais fraca está relacionado mais a uma questão histórica, onde desde pequena a menina não é estimulada a se fortalecer ou fazer atividades que requeira esforços, pois em nossa sociedade a mulher não é "criada para isso". A discussão entre os próprios alunos chegou à conclusão de que as mulheres possuem a capacidade de serem mais fortes, mas não são estimuladas. Alguns alunos até citaram como analogia ao fato de alguém "começar a ir para academia", falaram que no começo a pessoa será menos forte do que alguém que já frequenta a academia há muito tempo, mas que terá a mesma capacidade de se igualar. Assim como as mulheres podem vir a ser tão forte como um homem desde que passem a fazer as mesmas atividades.

Este ponto foi estendido para o tema trabalho e gênero. No início do discurso estavam separados algumas funções que eram específicas do gênero, mas com o depoimento de alguns colegas que citaram vivenciar a realidade de terem mulheres exercendo a função de mecânica tão bem quanto um homem, gerou-se certa reflexão na sala de aula. Por fim, os alunos passaram a dizer que não existe função específica relacionada ao gênero, mas que há sim no imaginário social essa imposição que acabamos adotando como uma realidade e limitação nossa.

Quanto a questão dos sentimentos relacionados a TPM, as meninas concordaram com o ponto de vista exposto, e alegaram se sentirem mais sentimentais devido aos fatores hormonais. Um colega de sala citou uma vivência onde seu relacionamento amoroso "não deu certo" devido as crises de ciúmes que sua companheira apresentava quando estava de TPM, gerando uma certa discussão onde as

mulheres foram apontadas como mais ciumentas, aumentando este sentimento quando estão com TPM. Algumas colegas de sala se manifestaram dizendo que não concordavam que o ciúme tem relação com a TPM e que não é um fator restrito as mulheres. Isso gerou uma discussão muito calorosa entre os grupos, uma menina citou que em seu relacionamento as crises de ciúmes são vivenciadas por seu companheiro e que não se submete as imposições dele. Por fim os grupos concordaram que o ciúme não é algo específico de um gênero, e que as mulheres não são mais "ciumentas" como citaram no começo do discurso.

O grupo das meninas apresentou como ponto positivo em ser do sexo masculino alguns aspectos biológicos que as mesmas não consideram vantajosos em si, como "não menstruar" ou "não ter a dor do parto". Em discussão unanimemente todos concordaram com este ponto de vista; os meninos chegaram a dizer "graças a Deus", alegando que não há nada de "legal" em menstruar, ter a dor do parto ou até mesmo "ficar grávida". Nesse ponto as meninas saíram em defesa da maternidade alegando que realmente acham desvantajoso terem que sentir dor; mas que vivenciaríamos o privilégio em carregar o filho cerca de nove meses, e que esta sensação nunca poderia ser vivenciada pelos homens. Outro colega de sala bastante afetado com esta fala, disse que os homens também possuem este privilégio porém carregando a "vida inteira", com essa fala ele estava se referindo ao fato de o homem produzir espermatozoides. Isso gerou uma grande discussão sobre qual gênero era mais privilegiado, fazendo com que não chegassem a conclusão nenhuma.

Outra desvantagem apresentada pelo grupo das meninas, foi referente a questão salarial; onde alegam que o homem sempre ganha mais que a mulher, exercendo ou não um trabalho mais árduo. Essa questão gerou a mesma discussão acerca da capacidade dos sexos diferentes conseguirem exercer a mesma função no trabalho; mas não serem valorizados assim na realidade cotidiana. Os alunos concordaram que os salários deveriam ser de acordo com a função exercida independente do sexo.

Como desvantagem masculina, alegaram "Ser + ignorante". Justificaram que os homens são "mais explosivos" devido ao fato de terem menos paciência ao diálogo transparecendo maior impulsividade diante de conflitos. Ainda acrescentaram que os mesmos não precisam assumir um papel social de serem "meigos, amorosos e educados", da mesma forma que as meninas são cobradas. Citando até, que para os meninos se forem muito educados e sentimentais podem ser vistos como

"viadinhos". As meninas concluíram que este fator se faz desvantajoso, pois é imposto aos meninos assumirem uma postura inadequada para preservar sua "masculinidade".

A dinâmica trouxe a tona que ao se referir ao gênero contrário, os alunos acabavam por demonstrar aspectos que eles consideram injusto ou não vantajoso em si mesmo devido as limitações biológicas ou construções sociais as quais eles deveriam se adequar. Podemos pegar como exemplo as falar dos meninos quanto à delicadeza e vaidade das meninas; que representava aquilo que eles não podem demonstrar em excesso. Isto fica claro na discussão feita em sala e na reflexão e conclusão que eles mesmo observaram acerca das imposições e padrões sociais.

O mesmo pode ser observado quando as meninas citam muitos fatores biológicos como não menstruar ou não ter a dor do parto, ou fatores físicos como "Ser mais forte"; vantajosos nos meninos. Quando na verdade estão expressando uma angústia que as mesmas vivenciam em seu próprio corpo. O ser mais forte, visto como vantajoso nos meninos representa aquilo que elas não podem recorrer mesmo tendo vontade ou capacidade; pois socialmente as meninas devem ser frágeis e delicadas.

CONCLUSÃO

Através da dinâmica observamos que os alunos inicialmente possuem alguns pensamentos resultantes de uma construção social onde há uma limitação entre o certo e o errado para cada gênero. Os mesmos possuem grande capacidade crítica diante das suas opiniões e dos demais, porém não são estimulados no ambiente familiar e escolar para que cheguem a uma reflexão crítica.

O ambiente escolar se apresenta como uma local onde há vasto espaço para aprendizado e reflexão, porém é pouco explorado neste contexto, pois sempre são apresentados aos alunos conceitos fechados e verdades absolutas. A reflexão crítica acaba sendo abandonada.

Acreditamos que a dinâmica serviu como uma iniciativa para que a capacidade crítica dos alunos fosse afluída, pois observamos que alguns discursos iniciais acabaram por serem desconstruídos diante da discussão realizada em sala.

A discussão gerada entre eles mesmos serviu de reflexão a partir do momento em que tiveram a oportunidade de expor, ouvir e questionar aspectos de seu cotidiano. É importante enfatizar que a nossa opinião nunca foi colocada como uma verdade para os alunos, assim não havia certo ou errado para eles se basearem; as conclusões e modificações de pensamentos gerada diante da dinâmica foi resultado da capacidade

que os alunos já possuíam de realizarem reflexões críticas; capacidade esta pouco explorada até então.

Com o debate gerado, percebemos que realmente os alunos possuem alguns conceitos e pensamentos que não são bem esclarecidos, mas com o pouco tempo de duração da dinâmica podemos afirmar que este pequeno exercício desencadeou o processo de reflexão sobre o tema. Acreditamos que mais exercícios como esse devem ser realizados para que a reflexão possa gerar comportamentos efetivos para que assim contribuam para uma nova forma de construção de pensamento que desencadeie cada vez mais a cresça na equidade entre os sexos.

Agradecimentos

Agradecemos ao Professor Dr. Cristiano Da Silveira Longo por sua excelente orientação do nosso Subprojeto. Gostaríamos também de deixar nossos sinceros agradecimentos ao CAPES por nos oferecer a oportunidade de atuar enquanto bolsistas no Programa Institucional de Iniciação á Docência- PIBID, que vem nos proporcionando uma rica experiência e que complementa com excelência nossa formação em licenciatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids Manual do multiplicador : adolescente / Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília : Ministério da Saúde, 2000.

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Estudos Feministas, 2001.

AQUINO, Camila. MARTELLI, Andréia Cristina. Escola e Educação Sexual: Uma Relação Necessária. XI ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul.2012.

AQUINO, Julio Groppa. Sexualidade na Escola. Grupo Editorial Summus, 1997.

LOURO, Guacira Lopes, Gênero, sexualidade e educação - Uma perspectiva pós-estruturalista. - Petrópolis, RJ / Vozes, 1997.

BRASIL. MEC. (1998a). Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF.

PAZ, Cláudia Denis Alves, Gênero e Sexualidade: Como trabalhar na escola?. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN2179-510X

Pedagogias da Sexualidade. In O corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Guacira Lopes Louro. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2 ed., 3ª reimpressão - Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 62.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade 1: a vontade de saber. 12. ed. Trad. MariaThereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

LARROSA, Jorge. "Tecnologias do eu e educação". In: SILVA, Tomaz T. (Org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.